

## Arte, educação, língua e cultura

Joana Vangelista Mongelo<sup>1</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina

**Resumo:** O que me traz a fazer este trabalho é porque tenho percebido o quanto é importante a colaboração do meu conhecimento no âmbito da educação não indígena e indígena guarani.

**Palavras-chave:** Arte. Educação. Língua. Cultura.

Ao pensar em escrever este trabalho, logo me lembrei de um artigo de jornal que havia lido faz tempo, e me veio na cabeça: por que não juntar os textos que tenho guardado em minha memória sobre a arte, a língua, a educação e cultura do povo guarani?

Então, novamente recorri àquele artigo do jornal que havia guardado. O texto, de autoria da professora e linguista Eni Orlandi, dizia o seguinte: “A língua falada e escrita atualmente no Brasil distanciou-se de tal modo do português, em consequência das mudanças que sofreu através dos tempos, que hoje já é possível falar em uma língua brasileira, que tem forma e características próprias” (ORLANDI, 2009). A hipótese é defendida no livro *Língua Brasileira e outras histórias: discurso sobre a língua e ensino no Brasil*, de autoria de Eni Orlandi, professora do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp” (Campinas, 17 a 23 de agosto de 2009, *Jornal da Unicamp*).

Por eu fazer parte do povo guarani, filha de mãe e pai guarani, minha língua materna é guarani. Meu pai sempre tocava violão para nós ouvirmos, isso desde que éramos crianças, até para nós dormirmos, ou quando estávamos brincando no pátio de casa, debaixo das árvores. Meu pai sempre tocava violão e contava histórias, minha mãe sempre fazia brinquedos para nós brincarmos: fazia boneca de espiga de milho, fazia flauta de bambu, fazia apitos. Quando minha mãe ia varrer o pátio com uma vassoura feita com galhos de uma árvore baixa, logo também fazia uma vassoura menor para mim e para minha irmã mais nova. Meu pai também, quando ia para a roça capinar, sempre fazia algumas enxadas para os meus irmãos, ou um facão menor, para eles aprenderem a usar.

---

<sup>1</sup> Joana Vangelista Mongelo é Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudo da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), desde 2019. Mestre em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Santa Catarina (2013). Licenciada em Pedagogia pela Universidade de Santa Catarina (2008), com habilitação em Orientação Educacional e também em Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica pela mesma universidade (2015). Atualmente cursa a faculdade Letras Português, na UFSC. Tem experiência como educadora na educação indígena, língua e cultura guarani mbya e com a formação de professores guarani.

Isso porque as crianças guaranis gostam de acompanhar os pais ou os irmãos mais velhos; isso não é exploração de trabalho infantil, como hoje o Conselho Tutelar fala, mas sim é aprender para a vida. Baseada na minha vivência, escrevo hoje sobre a arte, a educação, a língua, o brincar ...

Lembro-me que não tínhamos brinquedos, mas nós tínhamos brincadeiras, brincávamos no rio, nas cachoeiras, na floresta. Às vezes, eu ia com meu pai pescar no Rio Paraná e ficava olhando para o outro lado do rio, que era o Paraguai, para a hoje conhecida como Cidade de Leste. Nós, do lado de cá, morávamos num bairro conhecido na época como Segundo Distrito, hoje bairro do Porto Belo, em Foz do Iguaçu, Paraná.

Volto a falar agora da importância da nossa língua guarani, “*nda’ evei nha moka-nhi*” (não a devemos perde), ou seja, não a devemos perder, pois hoje falamos a verdadeira língua brasileira, ou pelo menos estamos tentando, influenciados pelas línguas indígenas, não só o guarani, mas muitas outras línguas indígenas do Brasil. Sabemos que hoje existem muitas palavras escritas que são da língua guarani, e as próprias pessoas que escrevem não sabem, ou seja, desconhecem.

A Constituição Brasileira, em seu artigo 231, dispõe que “São reconhecido aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens” (BRASIL, 1988).

O mesmo artigo, no inciso 1º, estabelece que: “São terras tradicionalmente ocupadas pelos índios as por eles habitadas em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e as necessárias a sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições” (BRASIL, 1988).

A Lei n. 11.645, de 10 de março de 2008, alterou a antiga: “Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Mensagem de veto Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira’, e dá outras providências. 10 de mar. de 2008” (BRASIL, 2008).

Parece-me que grande parte das instituições de ensino está longe de cumprir as leis citadas acima. Tenho observado a carência de conhecimento nessas áreas ou disciplinas, pois existem pouquíssimas pessoas com conhecimento específico. Algumas vezes, quando vou proferir palestra em instituições educacionais, os próprios professores ficam ponderando sobre minha fala, principalmente quando falo ou dou exemplos de frases em guarani. Por isso é importante, desde o ensino fundamental até o curso supe-

rior, ter acesso a esses conhecimentos citados nas Leis, pois eles fazem parte de nossa história e cultura brasileiras.

Das disposições gerais da LDB, o Art. 78 estabelece que “o Sistema de Ensino da União, com a colaboração das agências federais de fomento à cultura e de assistência aos índios, desenvolverá programas integrados de ensino e pesquisa, para oferta de educação escolar bilingue e intercultural aos povos indígenas, com os seguintes objetivos:

‘I - proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências;

‘II - garantir aos índios, suas comunidades e povos, o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não índias”.

Bem, eu volto aqui, depois de apresentar algumas leis que tratam da cultura, da arte, da língua e da educação indígena, a questionar neste meu trabalho: será que a letra das Leis está sendo aplicada nas escolas? Será que as escolas estão estudando as culturas indígenas ou continuam a reproduzir os estereótipos da arte, da educação, da língua e da cultura indígenas?

Muitas vezes, percebo que até no curso de graduação ainda são apresentados textos que são escritos ou contados pelos colonizadores, até mesmos os acadêmicos de Letras - Português, sem que se questione, sem entender que tudo muda, assim como a língua está sempre em mudança ou se transformando e criando novos vocábulos.

Bem, eu aqui trato de várias questões, mas creio que o ponto aqui é a língua; mas quando eu falo de língua guarani, eu já falo da arte, educação e cultura, pois para nós, guarani, não se separa arte, educação e língua: elas estão juntas, intrínsecas; é isso que forma a nossa cultura guarani.

Ainda neste trabalho ressalto a importância da educação guarani, que é passada dentro da “*opy*” (casa de reza). Para nós, povos da cultura guarani, a nossa educação vem da casa de reza; a educação escolar está em segundo lugar.

Volto ao artigo de Orlandi, no qual ela ressalta que

o ponto principal é a discussão em torno de como a língua se constitui e como a história do conhecimento sobre essa língua também se constitui. No meu entendimento, esses dois processos ocorrem conjuntamente. [...] Nós produzimos discursos diferentes, com sentidos igualmente

distintos. Nossos processos de significação também são diferentes. Ou seja, nossa língua portuguesa está muito distante daquela que era ou ainda é falada em Portugal (ORLANDI, 2009).

Orlandi (2009) reforça ainda que: “Não podemos falar em variedade, pois isso não mostra que falamos uma língua própria. Temos que falar em mudanças. Por que admitimos mudanças entre o latim e o português que se constituiu na Europa, mas não fazemos isso em relação ao português e a língua falada no Brasil?”.

Para a professora e linguista, a

lusofonia é um campo heterogêneo de línguas que resultaram do processo de colonização [...] Quando os portugueses aportaram por aqui, eles depararam não apenas com seres diferentes, mas também como uma variedade de línguas faladas pelos índios e com um mundo muito diferente do seu. Esses portugueses precisaram nomear coisas que não conheciam. Aí já ocorreram as primeiras transformações da língua. A materialidade do mundo começa a inferir na materialidade da língua e vice-versa (ORLANDI, 2009).

Orlandi conclui:

É nesse embate político ideológico e social que a língua vai sendo construída. Para poder administrar, os portugueses foram obrigados a alterar a própria língua e dominar a língua dos indígenas. Daí sua expulsão dos religiosos e a proibição de se escrever nessa língua. Nós temos nosso padrão. Como disse anteriormente, o nosso falar sofreu influências das línguas indígenas, africanas, de migração e de fronteira. Isso não é defeito muito pelo contrário. Riqueza e singularidade a cada uma. A demais, a língua conta sua própria história. Não podemos ficar parados na época da colonização [...] (ORLANDI, 2009).

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição** (1988). **Constituição** da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Lei n. 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília, 2008.

ORLANDI, Eni. Reflexões sobre a história da ‘língua brasileira. [Entrevista concedida a] Manuel Alves Filho. **Jornal da Unicamp**, Campinas, n.437, ago.2009. Disponível em: [https://www.unicamp.br/unicamp\\_hoje/ju/agosto2009/ju437\\_pag03.php#](https://www.unicamp.br/unicamp_hoje/ju/agosto2009/ju437_pag03.php#). Acesso em: 30 jul. 2020.